



## LIMITES E PRECONCEITOS EM MODALIDADES HEGEMONICAMENTE MASCULINAS: O CASO DO BOXE FEMININO

Berta Leni Costa Cardoso  
Carmen Jansen de Cárdenas  
Tânia Mara Vieira Sampaio

### RESUMO

*Ainda hoje, percebe-se o domínio masculino na participação no meio esportivo, especialmente nas Olimpíadas, como é o caso do boxe. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir dificuldades e preconceitos em modalidades historicamente masculinas, como o boxe. À luz das teorias de gênero, foram analisadas a participação da mulher no esporte e a trajetória histórica das atletas de boxe. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com sete boxeadoras do Brasil. Utilizou-se o software ALCESTE, para a análise de conteúdo das falas das atletas. Verificou-se que essas atletas sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito em sua trajetória de boxeadoras. Afirmaram que, mesmo depois que pararem de lutar, desejam estar presentes no âmbito esportivo do boxe de alguma maneira.*

*PALAVRAS-CHAVE: mulheres; preconceito; gênero; boxe.*

### INTRODUÇÃO

Embora as crescentes transformações sociais estejam modificando os papéis sociais, observa-se ainda a existência de preconceitos e discriminações em relação à participação feminina em várias esferas da sociedade, particularmente no esporte. Verifica-se ainda preconceito e discriminação em relação às mulheres no meio esportivo, especialmente em modalidades hegemonicamente masculinas. Historicamente, a participação feminina no meio esportivo é inferior a dos homens. Tanto exercendo função de atletas, como ocupando cargos de técnicas, treinadoras, gestoras, percebe-se a menor participação das mulheres, sendo que o número das que ocupam posições de decisão é quase inexistente. Até mesmo em equipes ou em competições femininas o que se vê é a hegemonia masculina na maioria dos cargos de poder, pois a direção, o gerenciamento e o treinamento são realizados por homens.

O que se percebe ainda hoje é o predomínio e o domínio masculino no que diz respeito à sua participação nas Olimpíadas. Algumas modalidades esportivas se fazem presentes nas Olimpíadas desde o seu início, outras já entraram e saíram e ainda outras, por muito tempo, tentaram entrar e não conseguiram ou apenas estiveram presentes como atividades de demonstração. Algumas modalidades são representadas apenas pelos homens e as que têm apenas a participação feminina são reduzidas (exemplo do nado sincronizado).

O boxe ainda tem se apresentado como uma modalidade hegemonicamente masculina. O fato de as mulheres estarem lutando boxe chama atenção, pois elas estão indo de encontro a vários preconceitos ainda enraizados socialmente, principalmente agora que o boxe feminino teve sua estreia nas olimpíadas de 2012, em Londres.

Todas as questões foram trabalhadas buscando responder a questão central desse trabalho que é analisar quais são as dificuldades, os limites sócio-culturais e os preconceitos em modalidades hegemonicamente masculinas – o caso do boxe feminino no Brasil.

## DECISÕES METODOLÓGICAS

No presente estudo foi adotado como metodologia as abordagens quantitativa e qualitativa. De acordo com Neves (1996), na pesquisa qualitativa pode-se obter dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo, sendo frequente o pesquisador procurar entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada.

A população da pesquisa é configurada por atletas do boxe olímpico feminino no Brasil. Como amostra desse estudo, foram selecionadas sete atletas de maneira aleatória, em que a probabilidade de participação foi a mesma para qualquer uma delas.

Como técnica metodológica, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas junto às atletas do boxe olímpico feminino no Brasil, analisando aspectos sócio-culturais que envolvem a participação feminina nesse esporte e questões de gênero relativas a essa participação.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2011 durante o mês de janeiro em Salvador/BA, no mês de fevereiro em São Paulo e no mês de março, em Brasília. A coleta procedeu-se em horários opostos às lutas e aos treinos no sentido de não prejudicar a concentração das atletas.

Na apresentação das informações obtidas, afim de preservar a identidade das atletas investigadas, nos resultados as mesmas foram identificadas como A1, A2, A3, A4, A5, A6 e A7.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Brasília, cadastro 304/2010, uma vez que atendeu aos requisitos fundamentais da Resolução CNS 196/96.

Utilizou-se o programa ALCESTE para análise dos dados. O ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*), desenvolvido por Max Reinert

(1990), é um *software* de análise de dados textuais.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com o objetivo de sintetizar e categorizar as falas das atletas, foi realizada uma análise textual da produção semântica das falas, observando a relação entre as palavras, a frequência com que aparecem e as suas associações em classes, com o auxílio do *software* ALCESTE.

A análise apresentou dois grandes eixos compostos por três classes, cada uma com um percentual de contribuição no contexto das falas, representando um aspecto do conteúdo expresso pelas atletas.

O primeiro eixo, “Incentivo para homens e mulheres atletas”, é constituído pelas classes 1 e 2, denominadas por “Incentivo” (classe 1) e “Diferenças de sexo e gênero” (classe 2). Esse eixo mostra as diferenças nos incentivos para mulheres e homens atletas. O incentivo é um fator recorrente nos discursos das atletas. A maioria delas afirma que há menor incentivo na prática do boxe para mulheres do que para homens. Em relação à palavra incentivo entende-se questões relacionadas ao patrocínio, dinheiro, ajuda, apoio. Observa-se também que a questão do preconceito está presente nos discursos das atletas.

De acordo com Simões, Conceição e Nery (2004), durante muito tempo os homens resistiram à entrada das mulheres no cenário esportivo com o discurso de que o esporte poderia masculinizá-las, despindo-as de suas qualidades femininas. De acordo com as boxeadoras entrevistadas, embora a participação feminina esteja aumentando, ela ainda é inferior à dos homens e estratégias como divulgação e incentivos deveriam ser utilizadas para aumentar essa participação.

Segundo Hargreaves (2003), o esporte feminino foi muito negligenciado partindo da história cultural e sociológica, tornando-se mais politizado somente nos anos 1970 e 1980. De acordo com a autora, nos anos 1970 percebeu-se, em muitos países, um aumento da participação de adolescentes e de mulheres em jogos esportivos, modificando o panorama do esporte mundial.

Para Coakley (1994), antes de 1970, muitas meninas e mulheres não participavam de jogos esportivos porque não havia times e programas e em 1972, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma emenda, por meio da qual nenhuma pessoa naquele país deveria ser excluída de participação em atividades esportivas ou ser sujeitada à discriminação em qualquer programa educacional apoiado pelo governo.

Ainda nessa mesma década, segundo Coakley (1994), aumentou-se a consciência dos benefícios das atividades físicas para a saúde e o encorajamento das mulheres em se envolverem em atividades físicas, inclusive jogos esportivos. E embora a ênfase nesse movimento tenha sido condicionada ao ideal feminino tradicional de preservar a juventude e a beleza, pois durante muito tempo a mulher foi considerada como objeto de desejo dos homens, também houve uma ênfase no desenvolvimento da força física e da competência técnica.

As falas a seguir das atletas entrevistadas demonstram a questão do crescimento da participação das mulheres no meio esportivo, embora ainda seja inferior à dos homens e haja falta de incentivos para a prática, especificamente no caso do boxe feminino.

*“Eu acho que mais divulgação porque não é divulgado, a gente não tem mídia em cima disso, do boxe feminino. Tudo é para outro esporte ou para o masculino, ainda o feminino a gente não tem respaldo.” (A6)*  
*“Ainda é inferior em relação aos homens. É preciso que haja mais divulgação, que seja mais difundido e que haja mais incentivo, mais escola, mais faculdade, nas próprias academias, né?” (A7)*

O segundo eixo, “Trajetória no Esporte”, é constituído pela classe 3, também denominada trajetória no esporte. Esse eixo mostra a trajetória das atletas nos esportes, especialmente quando iniciaram no boxe, suas percepções do boxe e o que pretendem fazer no futuro.

Em relação às questões sobre as expectativas futuras das atletas quando não mais puderem competir, todas responderam que gostariam de estar envolvidas de alguma maneira com o boxe, seja como técnicas, árbitras, de estarem na comissão técnica, embora relatem que financeiramente não conseguirão ficar apenas no boxe, uma vez que este ainda não é bem reconhecido não sendo bem remunerado. Sobre o número de técnicos homens ser superior ao número de mulheres no boxe, as atletas comentaram que isso se deve ao fato delas acreditarem não haver uma cultura feminina no esporte e por acreditarem que para ser técnica, a mulher deveria vivenciar a prática do esporte primeiramente.

Oliveira (2004), em seu estudo sobre histórias de sucesso de técnicas esportivas, destaca ser importante verificar os fatores que influenciam ou atrapalham o acesso, a ascensão e a permanência das mulheres no comando de equipes de alto nível. Dessa forma, em sua pesquisa, identificou, no discurso das informantes, as representações sociais sobre a sua trajetória no comando dessas equipes.

Segundo a autora, todas são de classe média, cercadas por uma estrutura familiar que

lhes deu condições de estudar e de praticar esportes desde a infância e todas se inseriram no treinamento pela sua vivência como grandes atletas. Em geral, elas declararam que, para comandar equipes de alto nível, as mulheres primeiro têm de vivenciar o esporte; que ser ex-atleta é pré-requisito para que elas atuem no treinamento, do contrário, não há respeito.

*“Olha, eu vou ter que tá no meio da bagunça aqui. Alguma coisa eu vou ter que fazer. Eu tenho várias opções, ser árbitra, ser da comissão técnica.” (A1)*

*“Para uma técnica ter um nível bom, eu acho que ela tem que ter passado, ter sido atleta, ter passado por tudo aquilo para ser uma ótima atleta e aí aumentar o número.” (A4)*

## EIXO 1 – INCENTIVO PARA HOMENS E MULHERES

O eixo 1 é composto pelas classes 1 e 2, denominadas “Incentivo” e “Diferenças de sexo e gênero”, respectivamente. Essas duas classes em conjunto contribuem com 30,83% do conteúdo das falas e refletem os incentivos e diferenças de sexo e gênero.

Tabela 1 – Vocabulário do eixo 1 na Análise Hierárquica Descendente

Classe 1	X <sup>2</sup>	Palavras
Incentivo	54,31	bols+
	48,52	apoi+
	34,57	ajud+
	30,31	falt+
	26,87	manter
	22,99	consequ+
	22,33	incentivo

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 – Vocabulário do eixo 1 na Análise Hierárquica Descendente

Classe 2	X <sup>2</sup>	Palavras
Diferenças de sexo e gênero	58,25	homens
	41,52	hom+
	31,61	antiga+
	29,70	competit+
	28,74	resultado
	21,50	coquilha
	23,04	público
	21,50	rapaz
19,95	mulher	

Fonte: Dados as pesquisa

Esse eixo reflete os incentivos e as diferenças entre sexo e gênero, entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. A expressiva frequência dos vocábulos “bolsa”, “apoio”, “ajuda” e “falta” (tabela 1) evidencia a percepção das atletas em relação à falta de incentivo para elas no esporte. A tabela 2 é composta pelos vocábulos “homens”, “rapaz”, “mulher”, “competição” entre outros compõem a classe 2 “Diferenças de sexo e gênero”.

As expressões podem ser visualizadas nas falas das atletas que seguem abaixo:

*“O grande mal do esporte é que não tem apoio.” (A2)*

*“Muita gente acha que você é marginalizada, homossexual, existem muitos tabus.” (A3)*

*“Porque as pessoas ainda têm discriminação do esporte.” (A6)*

## SEXO E GÊNERO

Em suas falas, as atletas chamaram a atenção pela diferença de tratamento da mídia e da sociedade de um modo geral em relação ao boxe feminino e masculino. Elas evidenciaram a falta de apoio para elas no esporte e as diferenças sociais, como exemplo no trabalho. Lucena (2010) contribui com essa discussão ao afirmar que as feministas se atentaram para o fato de que ser mulher e ser homem é cultural, antes de tudo. Segundo a autora, gênero é uma construção e as relações de poder transformam homens e mulheres em sujeitos, sendo esses construídos discursivamente, mesmo o biológico tendo a sua importância. De acordo com ela, os sujeitos de gênero e sexualidade são produzidos e reproduzidos de forma contínua ao longo da história de diversas maneiras.

Segundo Meyer (2003), gênero, como construção social de sexo, é utilizado como um



conceito que se opõe ou completa a noção de sexo e pretende referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscreve sobre o corpo sexuado.

Verificou-se nas falas das boxeadoras que muitas pessoas concebem o boxe como um esporte masculinizado, que tende a deixar quem o pratica violento, musculoso, características socialmente atribuídas aos homens. Verifica-se também a percepção delas a respeito das diferenças sociais no sentido de que os homens sempre ganham mais que as mulheres mesmo exercendo o mesmo cargo, que essas diferenças muitas vezes são reforçadas pela visão de que os homens são superiores, embora destaquem mudanças e avanços e falam também que ainda há discriminação em relação à sua participação no esporte.

Para Goellner *et al.* (1995), a questão de gênero não é uma questão exclusiva das mulheres ou dos homens mas sim como essas relações se estabelecem, relações permeadas de contradições e que se constroem cotidianamente nas experiências vividas e que demarcam universos diferentes e distintos olhares do mundo.

Algumas atletas afirmaram ter sua sexualidade questionada pelo fato de lutarem boxe. Dizem ainda que muitas pessoas acreditam que elas sejam lésbicas só por praticarem tal esporte. Essa percepção é reforçada nas palavras de Daolio (1995), ao afirmar que as meninas podem ser chamadas de “machonas” pelos meninos ou repreendidas pelos pais ao assumirem determinados comportamentos socialmente denominados masculinos.

Essas percepções preconceituosas podem ser visualizadas nas falas abaixo:

*“Eu acho que é pelo fato de ser um esporte assim masculinizado, de ser mais para homem, que é ‘pancadão’, tem mais contato.” (A1)*  
*“É um esporte também que todo mundo acha que é masculino. Então, existe um pouco de preconceito.” (A4)*

## FAMÍLIA E ESPORTE

A avaliação das atletas sobre a relação e a percepção de suas famílias e amigos com o boxe é a de que, a maioria, no início, teve receio com o boxe em função das suas características sociais. Eles acreditavam que o boxe era um esporte marginalizado, agressivo, violento e discriminatório. Verificou-se que hoje a maioria dos familiares tem nova percepção do boxe e quando podem assistem às lutas das atletas. Segundo elas, alguns familiares e amigos relatam terem medo delas se machucarem durante as competições.

Costa (2005), ao analisar as relações de gênero, refere-se ao poder, pois, segunda a autora, na medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.

A mulher por muito tempo foi submissa ao homem tendo sua participação restrita à esfera privada onde as esposas e as filhas deviam obediência ao homem da família. De acordo com Alves e Pitanguy (1982), historicamente, a mulher tinha apenas a função de reproduzir, amamentar e criar os filhos e toda atividade ligada à subsistência da família, como tecelagem, alimentação, fiação as quais eram realizadas no âmbito domiciliar.

Segundo Coakley (1994), as meninas não costumam receber o mesmo tipo de encorajamento que os meninos, os quais são estimulados a assumirem uma postura socialmente independente, bem como serem fisicamente ativos em atividades e em jogos esportivos. Muitas vezes, as meninas são tratadas com mais suavidade e proteção que os meninos. As meninas são assistidas mais de perto e quando há permissão para participar de jogos esportivos ou de qualquer outra atividade, essa vem acompanhada de várias restrições, como, por exemplo: não fazer nada perigoso, não brincar com violência, não entrar em brigas ou discussões, etc.

Adelman (2004), ao pesquisar artigos publicados na Folha de São Paulo sobre provas de hipismo, percebeu que o incentivo e a ajuda da família foi um tema recorrente em todas as entrevistadas, indicando que esse é um fator crucial para as mulheres de classe alta e média-alta. A permanência dessas no esporte e o seu sucesso profissional, muitas vezes, estão vinculados às questões familiares.

As falas a seguir retratam como é a relação das famílias das boxeadoras com o esporte.

*“Antes ninguém deixou, também pelo preconceito de homem. Você vai virar homem, você vai ficar com corpo de homem, tudo assim. Mas agora está bem bacana, todo mundo me apóia, me ajuda, gosta de assistir minhas lutas.” (A4)*

*“Minha família não apóia o boxe, de forma nenhuma. Falam que é um esporte marginalizado, que é muito violento, que é uma perda de tempo porque não é reconhecido. Ninguém assiste nada. Nem treino. Sempre foi assim. Meus amigos falam que eu sou louca.” (A7)*

## EIXO 2 – TRAJETÓRIA NO ESPORTE

O eixo 2 é composto pela classe 3 denominada “Trajetória no esporte”, representando 69,17% do conteúdo das falas. Esse eixo mostra a percepção das atletas sobre a sua trajetória e a trajetória de outras atletas no esporte.



Tabela 3 – Vocabulário do eixo 2 na Análise Hierárquica Descendente

Classe 3	X <sup>2</sup>	Palavras
Trajetória no Esporte	16,58	fal+
	8,50	comec+
	8,02	fic+
	7,94	diss+
	7,93	faz
	7,45	mud+
	7,24	quer
	6,97	fiz
6,61	academia	

Fonte: Dados as pesquisa

A significativa frequência dos verbos “fala”, “comecei”, “ficava”, “fiz”, “mudou” e do vocábulo “academia” evidencia os relatos das atletas em relação a sua trajetória nos esportes.

Verificou-se que, durante a infância das entrevistadas, elas gostavam de brincar de brincadeiras consideradas femininas, mas chamou a atenção que a maioria gostava de brincadeiras classificadas socialmente como masculinas. Observou-se nas falas delas que as próprias atletas chamam a atenção para esse dado. A maioria afirma que brincava mais de brincadeiras consideradas masculinas, gostavam de brincar com homens e de estar no meio deles.

Segundo Confortin (2003), o conceito de gênero possui o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo estabelecido durante o nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas de acordo com as suas experiências, o seu momento histórico e a sua cultura.

De acordo com Saraiva (2005), é a cultura que estrutura as formas de se brincar e os objetos com que se brinca, de maneira que se pode afirmar que os brinquedos são estruturados de acordo com os sexos, principalmente a partir dos quatro ou cinco anos de idade. Na maioria das vezes, não é a criança quem escolhe seu brinquedo, mas adulto é que impõe à ela “de que” brincar e “com o quê” pode e deve brincar.

Simões *et al.* (2003) afirmam que de acordo com a literatura meninas que brincam muito com bonecas na infância têm menor propensão a se tornar atletas e provavelmente

aquelas crianças que passam muitas horas diante da televisão também não seguirão a carreira esportiva.

Para Simões, Cortez e Conceição (2004), os jogos e os esportes tendem a socializar os meninos diferentemente das meninas em relação aos papéis sexuais tradicionais. Os autores salientam que o papel masculino é descrito por palavras que carregam conotações positivas como corajoso, forte, macho, competitivo; já as meninas carregam conotações negativas como fraca, desajeitada, tímida.

Menesson (2000), ao realizar uma pesquisa com lutadoras de boxe, verificou que essas tiveram comportamentos diferentes na infância e na adolescência em relação a outras meninas. A autora identificou que as lutadoras eram bagunceiras, gostavam de competição, vestiam-se de forma semelhante aos meninos e preferiam a presença desses à das meninas, além de possuírem uma coordenação motora incomum para meninas. Segundo a autora, a maioria das boxeadoras afirmou ter se identificado com modelos masculinos durante a infância e, ao chegar na adolescência e na fase adulta, adaptou os seus comportamentos aos padrões hegemônicos da feminilidade; e, mesmo estando em um esporte com características socialmente determinadas como masculinas, elas se esforçaram para parecerem femininas, mas sem parecerem frágeis ou passivas, características socialmente determinadas como femininas.

As falas das boxeadoras entrevistadas retratam sua história de brincadeiras durante a infância.

*“Eu costumo dizer que era pra eu ter nascido homem, porque (risos) eu sempre gostei de brincar de brincadeiras de homem. Nunca gostei de boneca, nunca fui de brincar de casinha, fazer comidinha, não. Eu sempre gostei de jogar bola, soltar pipa, jogar pião, brincar de biloca, sair correndo de pega ladrão (risos).” (A1)*

*“Desde pequena sempre gostei de brincadeiras de bater (risos). Eu brincava mais com meninos.” (A5)*

## ESPORTES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Ao relatarem sobre sua participação nos esportes na infância e na adolescência, a maioria das atletas relatou praticar atividades físicas durante a infância. Observou-se que essa participação durante a adolescência se restringiu mais no âmbito escolar.

De acordo com Rosemberg (1995), inúmeros estudos evidenciam que a escola parece constituir um dos espaços privilegiados de iniciação das mulheres em educação física e esportes. Segundo o autor, outros estudos, no entanto, assinalam que, direta ou indiretamente,

a escola produz e reproduz condições para a permanência de papéis sexuais tradicionais no que diz respeito ao desenvolvimento das potencialidades motoras de meninos e meninas.

Mourão (2003) destaca que há pequena participação feminina no esporte e que essa participação verifica-se no período em que as mulheres estudam. A escola é o lugar apropriado e, muitas vezes, o único, de que as meninas dispõem para a prática esportiva. Na escola, os meninos geralmente ocupam todos os espaços; durante o intervalo e horários de recreação, por exemplo, o mais comum é ver os meninos brincando e jogando nas quadras e nos campos e as meninas, sentadas, conversando. Segundo a autora, as meninas quando deixam a escola tendem a abandonar todo tipo de atividade física e desportiva.

Ferretti e Knijnik (2007), ao realizarem uma pesquisa com sete universitárias, entre 26 e 36 anos, das quais três eram boxeadoras, duas capoeiristas e duas caratecas, verificaram que todas as entrevistadas se envolveram com o esporte na escola na infância, embora relatassem que essa prática tenha diminuído na adolescência.

Os relatos a seguir demonstram como era a participação das atletas entrevistadas nos esportes durante a infância e a adolescência.

*“Comecei no esporte muito cedo, com 5 anos já fazia balé, mais tarde com 9 anos entrei na Ginástica Olímpica e Ginástica de Trampolim acrobático aonde fiquei até meus 13 anos, fui para o handebol onde fiquei um ano e entrei no Boxe com 14 anos, sempre fui incentivada a fazer esporte pelos meus pais e hoje eu vejo o quanto isso foi importante para mim e para minha saúde.” (A3)*

*“Na infância não fiz nada. Na adolescência eu fiz futsal duas vezes por semana. Fiz educação física só enquanto eu estudava.” (A4)*

## OUTROS ESPORTES ANTES DO BOXE

Verificou-se que a maioria das atletas entrevistadas teve contato com outros esportes antes do boxe, sendo que para algumas esses outros esportes eram de contato ou lutas marciais. A entrada delas no boxe aconteceu entre os dezesseis e dezenove anos. Apenas uma atleta começou no boxe acima dos 25 anos. A passagem de prática da atividade física para competição se deu mais ou menos de três a quatro meses.

Fernandes e Dantas (2007) destacam em sua pesquisa, ao analisar a presença do boxe nas academias de ginástica de Campina Grande/PA, a predominância da presença masculina, mas afirmam ser significativa a presença das mulheres não só nas aulas, mas observando a sua realização. Os autores consideram que a vivência de outras experiências com lutas seja um fator que facilita o acesso ao boxe.

Segundo Mennesson (2000), as lutadoras que começam o boxe após os 20 anos preferem o esporte enquanto atividade física já as que começam mais cedo preferem o esporte enquanto competição.

*“Eu não comecei no boxe. Eu comecei no muy tae. Aí eu comecei a trabalhar e não podia treinar normalmente o muy tae. Como no boxe tinha um horário que eu podia fazer, então eu comecei a fazer o boxe, para ter rendimento para o muy tae. O boxe eu passei para competição. E depois, com o tempo, eu larguei o muy tae e fiquei só no boxe.” (A2)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, foram discutidas questões relativas à participação das mulheres nos esportes, diferenças de sexo e gênero e a dominação masculina no universo esportivo. Embora esse trabalho apresente reflexões sobre a realidade de um grupo específico e possa ser ampliada em relação a outros contextos, algumas reflexões significativas podem ser feitas tendo o presente estudo como ponto de partida.

O primeiro tópico discutido foi apresentado como eixo 1 dividido em duas classes (1 e 2) denominado “Incentivos para homens e mulheres”. Neste ponto ficou bem nítida a realidade das atletas no que se refere à falta de patrocínios configurando o boxe como um esporte de poucos incentivos financeiros. Embora todas as entrevistadas tenham bolsa atleta, elas reportaram ter dificuldades financeiras na prática do esporte. Outro aspecto levantado foi em relação às questões sócio-culturais, uma vez que verificou-se em seus discursos ainda haver discriminações e preconceitos sobre sua prática esportiva. As atletas afirmam que o boxe ainda é visto por muitas pessoas como um esporte masculino, violento e marginalizado. Verificou-se que em algumas famílias o esporte passou a ser respeitado e algumas vezes admirado, embora para outras famílias ele continue inserido em um contexto discriminatório e marginalizado.

O segundo tópico discutido foi apresentado pelo eixo 2 representado pela classe 3 e denominado “Trajetória no esporte”. A partir das questões apresentadas, analisou-se a trajetória das atletas abordando questões como sua participação nos esporte durante a infância e adolescência; motivos que as levaram a praticar o boxe; pontos positivos e negativos em ser atleta do boxe bem como dificuldades nessa trajetória. Através dos discursos das atletas, verificou-se que elas tiveram uma infância ativa, estando frequentemente envolvidas em brincadeiras e atividades denominadas socialmente como masculinas. Durante a adolescência, a maioria das atletas esteve envolvida com esportes mais no âmbito escolar. Verificou-se

também que antes da entrada no boxe, as atletas estiveram envolvidas com outros esportes especialmente aqueles de contato e lutas. Outro ponto que retorna à discussão é a questão do apoio familiar e dos amigos para atletas na prática do boxe.

O boxe apareceu para a maioria das atletas como um meio de vida no qual o recebimento da bolsa atleta está inserido na renda familiar. Identificou-se no discurso delas que aquelas atletas que possuíam outra atividade profissional eram as que mais sofriam de preconceitos e discriminação no âmbito familiar.

Fica o questionamento de como seria essa relação de preconceito e discriminação em relação às atletas, caso todas tivessem apenas o boxe como oportunidade profissional ou meio de vida. Faz-se necessário ampliar os estudos comparando um maior número de atletas que possuem e que não possuem outra atividade profissional bem como em relação à renda familiar.

A questão da divulgação também foi recorrente nos discursos o qual para as atletas muito ajudaria na minimização dos estereótipos criados socialmente ao esporte.

Por fim, o presente estudo revela a necessidade da compreensão de que a prática do boxe vai além de uma atividade física, sendo também um esporte que oportuniza mulheres de várias classes sociais adquirir uma atividade profissional. Essa tomada de consciência se faz importante para aqueles que já estão inseridos no esporte como para a sociedade como todo, pois a partir daí questões relacionadas aos preconceitos poderiam ser minimizadas.

## LIMITS AND BIASES IN MALE HEGEMONIC ARRANGEMENTS: THE CASE OF WOMEN'S BOXING

### ABSTRACT

*Even today it is perceived male dominance in participation in sports, especially the Olympics, such as boxing. The objective of this paper is to present and discuss difficulties and prejudices modalities historically masculine, like boxing. In light of gender theories, we analyzed the participation of women in sport and the historical trajectory of boxing athletes. Semi-structured interviews were conducted with seven boxers of Brazil. We used the software ALCESTE for the content analysis of the speeches of the athletes. It was found that these athletes suffer or have suffered some sort of bias in its path of boxers. They said that even after they stop fighting, they want to be present in sports of boxing in some way.*

**KEYWORDS:** *women; prejudice; gender; boxing.*

## LÍMITES Y PREJUICIOS EN LAS MODALIDADES MASCULINOS HEGEMÓNICOS: EL CASO DEL BOXEO FEMENINO

### RESUMEN

*Incluso hoy en día se percibe el dominio masculino en la participación en los deportes, en especial los Juegos Olímpicos, como el boxeo. El objetivo de este trabajo es presentar y discutir las dificultades y modalidades prejuicios históricamente masculinos, como el boxeo. A la luz de las teorías de género, se analizó la participación de la mujer en el deporte y la trayectoria histórica de los atletas de boxeo. Semi-estructuradas se realizaron entrevistas con siete boxeadores de Brasil. Se utilizó el software ALCESTE para el análisis de contenido de los discursos de los atletas. Se encontró que estos atletas sufren o han sufrido algún tipo de sesgo en su camino de boxeadores. Dijeron que incluso después de dejar de luchar, que quieren estar presentes en el deporte del boxeo de alguna manera.*

**PALABRAS CLAVES:** *mujer; prejuicio; género;boxeo.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, M. O Desafio das Amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p.277-303.
- ALVES, B. M.; PITAGUY, L. *O que é feminismo*. 2ª ed. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- COAKLEY, J. J. Gender: Is equity the only issue? In: *Sport en Society. Issues and Controversies*. Center for the Study of Sport and Leisure. Fifth edition. University of Colorado. Colorado Springs: Brown & Benchmark, 1994. p.208-238
- CONFORTIN, H. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: GUILARDI-LUCENA, M. I. (org.). *Representações do Feminino*. Campinas: Editora Átomo, 2003. p.107-123.
- COSTA, A. A. A. 2005. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. 2005. **Net**. Disponível em: <<http://www.agende.org.br/docs/File/dadospesquisas/feminismo/empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf>> Acesso em: 01 nov. 2010.
- DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: ROMERO, Elaine. *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FERNANDES, E. S.; DANTAS, E. R. Comportamentos de risco e estilos de vida saudáveis: o caso do boxe nas academias de ginástica de Campina Grande PB. In: XV CONBRACE - II CONICE, 2007, Recife - PE. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 2007. Disponível em <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/006.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- FERRETTI, M. A. C.; KNIJNIK, J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações de lutadoras universitárias. *Movimento*. Porto Alegre, v.13, n.01, p. 57-80, janeiro/abril de 2007.
- GOELLNER, S. V. *et al.* Cães, Mulheres e Nogueiras, quanto mais bate, melhor ficam. In: ROMERO, E. (Org). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995. p.135-156.
- HARGREAVES, J. *Critical issues in the history and sociology of women's sports*. London and New York: Routledge, 2003.
- LUCENA, J. R. L. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”: A (re)construção do conceito de gênero e a superação de limitações teóricas. *XIII Encontro Estadual de História*. Universidade Comunitária da Região de Chapecó. 5 a 8 de setembro de 2010. Disponível em <[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/autores.html](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/autores.html)>. Acesso 30 out. 2010.
- MENNESSON, C. “Hard” woman and “soft” woman. *International Review For The Sociology of Sport*, Londres, v.35, nº1, p. 21-33, 2000.



- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p.9-27.
- MOURAO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMOES, Antonio Carlos. (Org). *Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003, p.123-154.
- NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – Característica, uso e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*. São Paulo, V.1, Nº 3, 2º sem./1996.
- OLIVEIRA, G. A. S. Mulheres Enfrentando o Desafio da Inserção, Ascensão e Permanência no Comando de Equipes Esportivas de Alto Nível. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p.319-335.
- ROSEMBERG, F. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, E. (Org). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995. p. 271-308.
- SARAIVA, M. C. *Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito*. 2ª Ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.; NERY, M. A. C. Mulher, Esporte, Sexo e Hipocrisia. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p.61-86.
- SIMÕES, A. C.; CORTEZ, J. A. A.; CONCEIÇÃO, P. F. M. Mulher e Esporte de Competição e de Rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p.131-152.
- SIMÕES, A. C. *et al.* A busca do feminino – a psicossocialização da mulher no esporte. In: SIMOES, A. C. (Org). *Mulher & Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p.103-122.